



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

J6 19:23

Literatura



Gil Vicente

Auto Pastoril Português



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Gil Vicente

Auto Pastoril Português



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O Projeto Livro Livre é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

AUTO PASTORIL PORTUGUÊS



Auto em pastoril português, representado ao muito alto e poderoso rei nosso senhor dom João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Évora, pelo Natal. Na Era do Senhor de 1523.

FIGURAS:

VASCO AFFONSO

CATERINA

JOANE

FERNANDO

MADANELA

AFONSO

INÊS

MARGARIDA

CLÉRIGOS

(Entra primeiramente um lavrador por nome Vasco Afonso, e diz)

VASCO AFONSO

Pois que, já entrei aqui,
não se me escusa falar...

Eu som dalém de Tomar,
e casei em Almeirim...

ali mesmo no lugar.

Agora, agora, agora,
esta doma que lá vai...

Soma, que casei embora
sem licença de meu pai...

e diz, que a não quer por nora...

E seu pai, er, assi...
porque se casou furtada,
nem chique, nem mique, nem nada
dão a ela, nem a mi...

assi, pela desnevada!
De maneira,
que eles tem birra de nós...
dizem que nem giesteira...
pois, que nos casámos sós
não temos na Panasqueira.

Porém, amor lhe tenho eu,
e ela, samicas a mi...
que ela o diz, soma assi,
porque ela não tem de seu,
meu pai deu-me, e eu fugi...
E juramento faço, ós céus!...
que deram tantas a enha esposa,
que é pera dar graças a Deus...
porque, bem como raposa,
lhe estiraram a ela os véus.

Ora, o nosso cura, er,
porque se paga dela,
e sicais andou com ela,
soma vonda, que não quer
receber-nos, a mim, e ela.
Mas raivar,
que já recebidos semos,
dentro bem, no seu linhar...
todos os verbos dissemos
que se dizem ó casar.

Diziam a mim, lá deles,
que, quem casa por amores,
não vos é nega dolores...
emperol, que sabem eles,
Deus faz dos baixos maiores.
Aguardai,
digo agora, que casei
sem licença de meu pai,

e de enha mãe... Eu herdarei...
ou sabeis como isto vai?

A mim, dizem-me que não,
e se é daquela maneira,
não herdo eira nem beira,
mas não semelha razão...
mas senefica cempreira.

Que se fora
a cachopa peca, ou charra,
ou alguma zanguizarra,
preguiçosa ou comedora...
que bradassem muito embora!

Mas tais vos fossem assi
as pulgas da vossa cama...
soma abonda, que minha ama
me dixe lá em Almeirim,
não sei como se ela chama:
Vai sandeu,
a Élvora por alvaral
del-rei, que te deem o teu
como passar o Natal...
E a isto vinha eu...

E um Gil... um Gil... um Gil...
que má retentiva hei...
Um Gil, cujo não direi...
um que não tem nem ceitil,
que faz os aitos a el-rei.

Ele me fez...
e tirou de minha aquela,
muito inda em que me pês...
que entrasse cá na capela
previcar um antremês.

Aito, cuido que dizia,
e assi cuido que é,
mas não já aito, bofé,
como os aitos que fazia,
quando ele tinha com quê.
Mas o mundo
é já desgorgomelado,
todo bem, se vai ó fundo...
o dinheiro anda acossado
e o prazer vagabundo.

Abonda, entrarão porém
treze trolucutores...
estes, são todos pastores
de serra de Estrela, vem
em preito, com seus amores.
Atimar,
entrará Branca falando
com Inês, ambas a par,
— cantando de quando em quando,
e às vezes suspirando
entre cantar e cantar.

Entrará enha sobrinha...
e Costança das Ortigas,
que em todo Val das Corigas,
nem na vila, mui asinha,
não jazem tais raparigas.
E como entrar,
sairá a bailar Valejo
o galinheiro, que em Tomar,
chamava ao coelho conejo...
esse mesmo há de bailar.

E por festa, a Ramalhoa
bailará com Pero Luz,
vestido no seu capuz...

e farão a entrada boa
do bailo com o sinal da cruz.
Pé de Ferro,
bofá, um bom escudeiro,
bom homem, lá per seu erro,
ledo, humilde, prazenteiro,
salvos nega, se me eu erro!

Este sairá a terreiro,
com uma regateira baça,
que, quando vende na praça,
tange às vezes um pandeiro...
estes, ambos terão graça.
A cristaleira
e o almotacel pequeno,
bailarão à derradeira...
e tanger-lhe-á o Moreno,
que sabe os bailos da Beira.

Frades, virão, vinte e sete,
que vem de furtar melões...
e virão três hortelões,
que trarão preso um grumete,
sem jaqueta, nem calções.
E acabado,
que os frades todos andarem
um contrapasso trocado,
e os outros atimarem,
será o aito atimado!

(*Entra Caterina pastora cantando com o gado*)

CATERINA
“Tirai os olhos de mim
minha vida e meu descanso,
que me estais namorando.”

Cha cha cha raivarão elas
samicas doudejais vós...
se eu lá vou veremos nós
se sondes cabras se aquelas.
O Decho se chantou nelas
cha cha cha reira de morte
nem no mato nem na corte
não pode o Decho com elas.

(Canta)

“Tirai os olhos de mim
minha vida e meu descanso
que me estais namorando.”

Os vossos olhos senhora
senhora da formosura
por cada momento de hora
dão mil anos de tristura.

(Canta)

“Temo de não ter ventura.
Vida não me esteis olhando
que me estais namorando.”

(Vem Joane e diz Caterina)

A que vens, Joane, cá?

JOANE
Bofás samicas não sei,
Estoutra domá te catei
casuso e não eras lá.
Preguntei a ta māe por ti.

CATERINA

Tu a minha mãe por mi?

JOANE

A bem. Digo: que é de Catalina?
E ela estava mofina,
disse-me: e que lhe queres assi?
Bem sei eu que já ela aventa,
que ando eu contigo à choca,
que quando te eu trougue a roca,
já ela estava rabugenta.

CATERINA

Não te empaches de mim não!
Cha cha cha demoninhadas.

JOANE

Pois sicais te quero a osadas
grande bem se vem à mão.
Sempre eu hei de ser contigo,
lá detrás da casa ó sol.

CATERINA

Joane vai fazer prol
que tens tu de ver comigo?
Jesu! como me amofina!

JOANE

Já tu aqui és, Catalina,
com tua destempara.

CATERINA

Si,
ora vai-te aramá daí.

JOANE

Alguém te a ti empipina.

CATERINA

Quem me há mim de empipinar?

JOANE

Pode ser que alguém te engane.

CATERINA

Digo que te vás, Joane,
que não te quero escutar.
Cuidas tu que sou menina?

JOANE

E dei-te eu a roca, Catalina,
e subi em cima da pereira,
e tu agora à derradeira
jogas comigo almolina.

CATERINA

Que falas ou que hás contigo,
que tudo isto não te presta?

JOANE

Pardeus, forte birra é esta,
que tomaste hoje comigo!
Porque és má dia entirrada
eu não quero de ti nada,
senão abraçar como amiga.

CATERINA

Quem te desse uma gran figa
nos olhos bem pespegada.

JOANE

É essa a tua saia nova?
Mostra cá a ver que lã tem.

CATERINA

Joane.

JOANE

Catalina.

CATERINA

Ora bem,
o demo te a ti faz a cova.

JOANE

Tomai lá, esta vos é ela.

CATERINA

Tal foste com Madanela
e sempre chufou de ti
pois que esperas tu de mi
que sou mais valente que ela?

JOANE

Ó dexemo que te eu digo
que porque isso é já sabido
ando eu assi transido
e o demo anda comigo.
Renego ora de enha māe!
Porque as lágrimas me saem
o dia que te não vejo
e tu tens-me tal entejo
que os espíritos se me caem.

CATERINA

Choros maus chorem por ti,
quem te manda a ti chorar?

JOANE

Tu me hás de fazer botar,
mui cedo per esse chão per i.
Não sejas ora entirrada

Catalina minha dama,
que cedo hei de ir à feira,
e eu farei de maneira
que tu sejas bem toucada.
Não me arrarão alfinetes,
e também enxaravia.

CATERINA
Aperfia tu, perfia,
que c'o dexemo te metes.

JOANE
Que cachopa esta e que vida.

CATERINA
Cuidas que sou Margarida
que andavas pola chufar.

JOANE
Eu?

CATERINA
Abém.

JOANE
Atimar.

CATERINA
Mas vai-te com a má ida.

JOANE
Quanto eu não sei que te fige
que tal escândola me tens.

CATERINA
Mas não sei a que cá vens
que a ninguém tanto mal quige.

JOANE
Por bem querer mal haver.

CATERINA
Ora tens bem de comer.

JOANE
Isso é foscas mui asinha
por me meter rebentinha
mas perol não te hei de crer.

CATERINA
Vai vai Joane bogiar
não andes como alpavardo.

JOANE
Viste já o meu saio pardo?
Se mo vês hás de raivar...
que me está tão bem tão bem
que demo é isto? Dirás tu.

CATERINA
Oh como és parvo, Jesu!
Não fales ante ninguém.

JOANE
Oh comendo ó demo a vida
a que a eu arrepincho
Catalina se me eu incho
par esta que me vá de ida.
A Índia não está i?
Que quero eu de mim aqui?
Melhor será que me vá...

CATERINA
E a mim que se me dá.
Eis Fernando vem ali.

Venhas embora, Fernando,
eu te esperei à portela.

FERNANDO
Parece cá, Madanelha?

CATERINA
Espera. Que a andas buscando?
Já me tu a mim entejaste?

JOANE
Ah si, Catalina?

FERNANDO
Tu vás-te
andar polos chavascais.

JOANE
Ah si, Catalina?

CATERINA
Ora nô mais
avonda que me deixaste.

JOANE
Ah si, Catalina?

FERNANDO
Não. Diz:
pera u foi Madanelha?

CATERINA
Por que preguntas por ela?

FERNANDO
Porque a fortuna quis.

CATERINA

Dores de morte te dem.

JOANE

Ah si Catalina? Ora bem
se xe me eu isso soubera
nunca te eu a roca dera
que trougue de Santarém.

(*Madanela de longe*)

MADANELA

Ai Catalina Catalina.

FERNANDO

Aquela te é Madanela.

CATERINA

Hôu.

FERNANDO

Pera cá vem ela.

JOANE

Mui grande é minha mofina!
Olha cá pera onde estou.

CATERINA

Ó diabo que te eu dou.

JOANE

Amém que me eu encomendo
e não me estarei moendo
na desinteira em que estou.

(*Vem Madanela e diz*)

MADANELA
Afonso parece cá?
Eu não sei onde ele anda.

FERNANDO
Inda dura essa demanda?

MADANELA
Inda dura e durará.

FERNANDO
Oh caiso mal comedido.
Ando eu por ti perdido
e tu andas-me assoviando.

CATERINA
Queres tu do pão Fernando?

FERNANDO
— Estarei bem aviado
e muito bem corregido.

MADANELA
Viste Afonso, Caterina?

CATERINA
Sabes tu onde ele se ia?

FERNANDO
Não lho digas.

MADANELA
Que perfia
de Fernando e de mofina.

FERNANDO
Grande ódio me tem.

JOANE
E Catalina a mim também.

MADANELA
Catalina onde estava ele?

CATERINA
Ei-lo vem. Não é ele aquele?

JOANE
Aquele é ele que ali vem.

(*Vem Afonso e diz Madanela*)

MADANELA
Afonso,
venhas embora.

AFONSO
Não vejo eu Inês aqui.

MADANELA
Olha, olha pera mim,
que não sou feia má-hora.

AFONSO
Viste-me Inês cá andar?

CATERINA
Casuso a vi eu estar.

AFONSO
Naquele outeiro?

CATERINA
A bem.

AFONSO
Perguntou-te por alguém?

CATERINA
Por Joane.

AFONSO
Ora andar.
Por mim não preguntou nada?

CATERINA
Não.

AFONSO
Raiva moída.

CATERINA
Por Joane é ela perdida.

JOANE
Está ela logo enganada.

INÊS (*de longe*)
Catalina! ai Catalina!

CATERINA
Aquela é ela que retina.
Inês, vem cá, mana, vem.

JOANE
Se tu me quiseras bem
não na chamaras malina
mas do mal querer te vem.

(*Vem Inês, e diz Afonso*)

AFONSO

Venhas embora, Inês!

INÊS

Joane, queres belotas?
Mais quero eu às tuas botas
que a dous Afonsoss nem três.

JOANE

Ó Catelina!

CATERINA

Ó Fernando!

FERNANDO

Ó Madanela!

MADANELA

Ó Afonso!
Ó quando, quando
me quererás algum bem?

AFONSO

Ó Inês! quanto mal tem
esta maleita em que ando.

INÊS

Ó Joane! quão amiga
que sou do teu bom doairo.

JOANE

Se não tens outro repairo,
quanto eu não sei que te diga.

FERNANDO

Isto chamam amor louco,
eu por ti e tu por outro.

Rogo-te aramá Madanelá,
pois má-hora te vi e nela,
que me escutes ora um pouco.

Porque algorrérm se me entende
eu a domá que passou
este braço me ganhou
emperol gansei per ende...
Abonda que um decém
um decém e um vintém.
Meu pai er tem bem de seu
e não tem filho negu'eu
está atêntega Madanelá
vem agora a Pascoela
casemo-nos tu e eu.

MADANELA

Catalina é minha amiga,
sei que se paga de ti.

CATERINA

Fernando, por meu mal te vi,
como lá diz a cantiga.

JOANE

Oh! comendo ó Decho a praga!
gingrai lá com tais cachopas,
leixas quem de ti se paga.

CATERINA

E tu por que não faes sopas
com Inês pois que te afaga?

INÊS

Agora lhe fio eu
uma camisa de linho
queres, Joane toucinho

c'um pouco de pão do meu?

AFONSO

E a mi raiva que me aperte.

INÊS

Vai-te, que não quero ver-te:
não tens tu aí Madanelia?

Fala, fala tu com ela.

Ó diabo dou a morte.

Como é partuno, Jesu!

MADANELA

Afonso

AFONSO

Pesar ora de san Pego.

MADANELA

E assi o faes tu comigo
bofá avizimau és tu!
Não sei que houveste contigo.

FERNANDO

Maus lobos me acabem já.

CATERINA

Guarda-te Deus earamá:
pois que seria de mi?
Mas casemo-nos eu e ti.

FERNANDO

E Joane raivará!...
Pois, pardeus, bem te servi.
Comigo seja essa dança,
não andes assi do vento.

CATERINA

Toda me ora eu arrebento
pela tua maridança.

AFONSO

Sabes, Joane, que façamos?
Vamo-nos todos três.

JOANE

Vamos
e busquemos outras três.
eu te farei a ti, Inês,
que me jejues os Ramos.

(*Vem Margarida, pastora, que achou uma imagem de nossa senhora e trá-la escondida num feixe de lenha, e diz*)

MARGARIDA

Ai manas, que eu achei.

CATERINA

Onde?

MARGARIDA

Na serra, em cima!

MADANELA

Que é Margarida, prima?

MARGARIDA

Quase, quase, não o sei.

INÊS

Chufas?

MARGARIDA

Não, pardeus amigas!

CATERINA

Rogo-te que no-lo digas.

MARGARIDA

Mas é pera adivinhar
e quem quer que o acertar
eu a fartarei de migas.

INÊS

Será algum cogumelo?

MARGARIDA

Não que tem olhos e mãos.

CATERINA

São caçapos temporãos.

MADANELA

Mas samicas pesadelo.

CATERINA

Onde o trazes?

MARGARIDA

Na lenha.

CATERINA

É raposo, Deus mantenha.

MARGARIDA

Si raposo teu pai torto.

INÊS

Ouriço cacheiro morto.

MARGARIDA

Não é cousa que pele tenha.

MADANELA

Mas sabeis que é? Leitão,
que tem couro e não tem pele.

MARGARIDA

Leitão isso vos era ele.

INÊS

Ele não há de ser cão.

MARGARIDA

Nem ave nem cousa viva
nem morta.

CATERINA

Ou cativa.
E tem pés e mãos e olhos?

MARGARIDA

E narizes e giolhos
nem é cousa mansa nem esquia.

CATERINA

Rogo-te que digas que é
que isso parece patranha.

MARGARIDA

Tenho-a eu por façanha
e não pequena abofé.

CATERINA

Não o dessengules mais.

MARGARIDA

Se atêntegas estais,

muito asinha vos direi
o que vi e que achei,
contanto que me creais.

Chegando à Pena Furada
aquém da Virgem da Estrela
achei ser uma donzela
bofá donzela dourada.
E como a vi como digo
saltou tal temor comigo
porque ela reluzia
que estava se fugeria
tal claror tinha consigo.

E um menino brincando
com seis ou sete donzelas
santas pareciam elas.

MADANELA
Isso seria sonhando.

MARGARIDA
Mas antes bem acordada,
não me quereis vós crer nada?

CATERINA
Dize, dize, Margarida!

MARGARIDA
Pois chufa tu, Madanela,
que nossa senhora era ela.

CATERINA
Oh!...

MARGARIDA
Por minha vida.

Assi seja eu bem casada
e Deus se lembre de mim.

CATERINA
Que te dixe mana enfim?

MARGARIDA
Chamou-me bem assombrada...
E eu queria chorar...
E ela foi-me afagar.

CATERINA
E que te dixe despois?

MARGARIDA
Que deixasse andar os bois,
e que me fosse ao lugar.

E fosse ao nosso cura e digo
que vi a virgem Maria,
e que ela lhe prometia
de lhe dar um bom castigo...
Que horas nunca lhe rezou,
nem dela sóis se acordou.

FERNANDO
Houveras-lhe de dizer
que não lhe escapa mulher.

INÊS
Ó demo que o eu dou.
Eu vos direi: é ele tal
que a filha de Janafonso
foi-lhe pedir um responso
e ele falava-lhe em al.

AFONSO

Alguns deles vão per i
e na estremadela assi
não lhes fica moça boa.

JOANE
Bom machado na coroa
que ficasse logo ali.

FERNANDO
Seixo calvo.

AFONSO
Mas setada.

MADANELA
Arrocho de azambujeiro.

CATERINA
Mas pousada de palheiro
e fogo e a porta fechada.

AFONSO
Mas bom feixe lagariço.

INÊS
Penedo.

MADANELA
Trama.

CATERINA
Sumiço.

MARGARIDA
Eu quero ir avisar,
cá lhe compe de rezar
e tornar-se a seu serviço.

Par esta cruz, manas minhas,
que ela está dele assanhada.

INÊS
Ó virgem nossa avogada
que os gados encaminhas!

CATERINA
Quem ma vira?

INÊS
Quem lá fora.

MADANELA
Tu prima nasceste embora.

MARGARIDA
Se viras o cachopinho,
tão formoso e sesudinho,
filho de nossa senhora!
Tudo eu hei de dizer
ao nosso cura tá o cabo
e ó priol.

INÊS
Esse diabo
nunca te há de querer crer.

AFONSO
E do priol disse algorrérm?

MARGARIDA
Não falou nem mal nem bem.

JOANE
Também ele é bom piloto.

AFONSO

Mas é valente minhoto,
que apanha as frangãs mui bem.

JOANE

Dou eu já ó Decho o reixelo.

FERNANDO

E Pero Gil capelão
que lhe dizes?

JOANE

Que barão
como lhe elas vem apelo...
Nenhumas lhe escaparão!

AFONSO

E Janafonso Altos-pés?

FERNANDO

Também esse é bom freguês,
e muito gamengo zote.

JOANE

Ontem lhe dei eu um mote
sobre isso, bem português.
Vão-se earamá casar,
e não andar de soticapa
juro a Deus se eu fora Papa,
eu lhes secara o cantar.

MARGARIDA

Não me bula aqui ninguém
neste meu feixe de lenha,
até que eu vá e venha
não veja ninguém que aqui vem.

Porque eu vou a chamar,
que venham com devoção
os melhores do lugar
a levar em procissão
o que a virgem me quis dar.

(*Vai-se, e diz Afonso*)

AFONSO

Quante eu não me posso ter,
vejamos o que isto é.

JOANE

Vejamos por tua fé
que gran cousa deve ser.

(*Desata o feixe Afonso e diz*)

AFONSO

Ela omagem me afigura:
ó senhora virgem pura!

CATERINA

Quem vos trougue a esta serra?

FERNANDO

Ponde os giolhos em terra.

AFONSO

Ponhamo-la nesta verdura.

(*E posta a imagem, diz Joane*)

JOANE

Pois não sabemos rezar,
façamos-lhe uma chacota,
porque toda a alma devota

o que tem isso há de dar.

FERNANDO

Façamos que bem será.

CATERINA

Joane tira-te tu lá.

Dá-me tu a mão Fernando.

FERNANDO

Nisso estava ora eu cuidando

MADANELA

Vem tu cá.

MADANELA

Com Afonso quero eu.

AFONSO

Inês mana, eu contigo,
que nunca tão grande amigo
em tua vida tens de teu.

INÊS

Por que andas bugiando?

MADANELA

Ora fuge lá, Fernando.

JOANE

Onde não há concordança
não há i festa nem dança:
nem estemos perfiando.

(*Vem Margarida com quatro clérigos, e diz Fernando*)

FERNANDO

Ó corpo de Deus sagrado!
quanto zote que cá vem!

MARGARIDA

Não quisestes vós porém
condecer no meu mandado?
Ora seja já embora!...
Padres, vedes a senhora
que eu achei bem acasuso.

CLÉRIGO

Jesu! eu estou confuso.

OUTRO

Deus te salve Imperadora.

(*Hino: "O gloriosa domina". Rezado a versos pelos clérigos à imagem de nossa senhora*)

Ó gloriosa senhora do mundo,
excelsa princesa do céu e da terra,
formosa batalha de paz e de guerra,
da santa trindade secreto profundo.

Santa esperança ó madre de amor,
ama discreta do filho de Deus,
filha e madre do senhor dos céus,
alva do dia com mais resplendor.

Formosa barreira ó alvo e fito,
a quem os profetas direito atiravam!
a ti gloriosa os céus esperavam,
e as três pessoas um Deus infinito.

Ó cedro nos campos estrela no mar,
na serra ave fênix uma só amada,
uma só sem mácula e só preservada,

uma só nascida sem conto e sem par.

Do que Eva triste ao mundo tirou
foi o teu fruto restituidor,
dizendo-te *ave* o embaixador,
o nome de Eva te significou.

Ó porta dos paços do mui alto rei,
câmara cheia do Espírito Santo,
janela radiosa de resplendor tanto,
e tanto zelosa da divina lei.

Ó mar de ciência a tua humildade,
que foi senão porta do céu estrelado?
ó fonte dos anjos ó horto cerrado,
estrada do mundo pera a divindade.

Quando os anjos cantão a glória de Deus,
não são esquecidos da glória tua,
que as glórias do filho são da madre sua,
pois reinas com ele na corte dos céus.

Pois que faremos os salvos per ela,
nascendo em miséria tristes pecadores,
senão tanger palmas e dar mil louvores
ao padre e ao filho e espírito e a ela.

(*Aqui ordenam sua chacota, e a letra da cantiga é a seguinte*)

Quem é a desposada?
A virgem sagrada.
Quem é a que parira?
A virgem Maria.

Em Belém, cidade
muito pequenina,
vi uma desposada

e virgem parida.

Em Belém, cidade
muito pequenina,
vi uma desposada
e virgem parida.

Quem é a desposada?
A virgem sagrada.
Quem é a que parira?
A virgem Maria.

Nua pobre casa
toda reluzia
os anjos cantavam,
o mundo dizia:

Quem é a desposada?
A virgem sagrada.
Quem é a que parira?
A virgem Maria.

(*E com esta chacota se despediram*)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com